

**NA CORDA DOS BAMBAS**  
Tradição e modernidade na  
construção social da malandragem



CONSELHO EDITORIAL

*Bertha K. Becker (in memoriam)*

*Candido Mendes*

*Cristovam Buarque*

*Ignacy Sachs*

*Jurandir Freire Costa*

*Ladislau Dowbor*

*Pierre Salama*

Ana Christina Darwich Borges Leal

**NA CORDA DOS BAMBAS**  
*Tradição e modernidade na  
construção social da malandragem*

G a r a m o n d

Copyright © Ana Christina Darwich Borges Leal

Direitos cedidos para esta edição à

**Editora Garamond Ltda.**

Rua Candido de Oliveira, 43/Sala 101 – Rio Comprido

Rio de Janeiro – Brasil – 20.261-115

Tel: (21) 2504-9211

editora@garamond.com.br

*Revisão*

Alberto Almeida

*Editoração Eletrônica*

Editora Garamond

*Capa*

Estúdio Garamond

Sobre *O compadre de Ogum*, gravura de Carybé

DADOS INTERNACIONAIS DE  
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO - CIP

---

L471n

Leal, Ana Christina Darwich Borges

Na corda dos bambas: tradição e modernidade na construção social da malandragem / Ana Christina Darwich Borges Leal. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2018.

160 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 9788576174714

1. Grupos sociais. 2. Música popular - Rio de Janeiro - História e crítica. 3. Música popular - Aspectos sociais - Rio de Janeiro. 4. Sambistas - Rio de Janeiro. I. Título.

18-53320

CDD: 305

CDU: 316.35

---

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

*Para os queridos mestres  
Edmundo Campos Coelho (em memória) e  
Ricardo Benzaquen da Araújo (em memória),  
com carinho e minha eterna gratidão.*

Para Camilo, Gabriel,  
Luísa, Renata e Daniella com amor.



# Agradecimentos

Este trabalho foi apresentado originalmente como tese de doutoramento, e a trajetória percorrida até a sua conclusão foi longa e cheia de percalços. Muitos foram os amigos e colaboradores que, de uma maneira direta ou indireta, tornaram-se imprescindíveis para que eu pudesse manter a perseverança. A distância entre o sonho de um dia tornar-me pesquisadora e a realização deste ideal foi mediada pelas dificuldades e desafios que se impuseram ao longo do caminho, a começar pela barreira de residir longe de minha cidade natal e de meus familiares, não fosse o apoio de meu companheiro Camilo Salgado e de meu querido filho Gabriel Darwich certamente eu não teria prosseguido. A chegada desejada, porém inesperada, de minha doce e pequena Luísa, no momento final, deu um sentido novo e a força necessária para a sua conclusão. Por isso, meus primeiros agradecimentos são para eles, sobretudo pela imensa paciência e tolerância com minhas ausências e os momentos de cansaço que moviam, muitas vezes, sentimentos de descrença e pessimismo. Também é de colo e de afeto que as teses são feitas.

Juntamente às dificuldades do “exílio” pesou o fato de eu ter vivenciado de maneira prematura a morte do meu primeiro orientador, Edmundo Campos Coelho. Figura essencial em minha trajetória acadêmica, Edmundo não apenas me abriu as portas do universo acadêmico, como me acolheu com imensa generosidade. Dediquei à ele, em memória, o resultado deste trabalho e aqui agradeço tudo o que aprendi com a sua orientação comprometida e competente.

Ricardo Benzaquen de Araújo estendeu-me as mãos neste momento, não apenas de pesar, mas também de desorientação quanto ao novo rumo que o meu projeto de pesquisa viu-se obrigado a seguir. Ricardo presenteou-me com a sua presença solidária, quem o conheceu sabe a figura humana que ele foi e que nos inspira, não tão somente a imagem do professor dedicado, o intelectual culto e experiente, bem como o verdadeiro mestre. A ele serei eternamente grata.

A querida professora Lícia do Prado Valladares contribuiu pelo interesse, para não dizer, pela paixão ao Rio de Janeiro. Nossas incursões pelos morros cariocas despertaram em mim um olhar indiscreto para as tantas cidades que ali são possíveis, além de ter sido uma professora atenta às nossas motivações de iniciantes com seriedade e cuidado. Da mesma forma, agradeço também à professora Maria Alice Rezende de Carvalho por suas observações preciosas em nossos seminários de tese.

As tardes no Museu da Imagem e do Som – MIS coletando e transcrevendo as entrevistas que serviram de base empírica para a pesquisa não teriam sido tão agradáveis sem a presença e a presteza do funcionário Luís Antônio Oliveira. Nossas conversas abriram portas para outras possibilidades de pesquisa.

Aos doutores João Paulo do Valle Mendes, João Paulo Mendes Filho e Sérgio Fiúza de Mello Mendes, agradeço a oportunidade e a confiança de me permitirem dar prosseguimento ao ideal do trabalho docente e todo o apoio necessário junto ao Centro Universitário do Pará – CESUPA, à conclusão deste trabalho.

Maria Helena e Ubirajara Salgado, meus sogros, tornaram possível, de uma maneira surpreendentemente generosa e solidária, a minha permanência no Rio de Janeiro, sem o apoio e a compreensão deles a conclusão deste trabalho de pesquisa jamais teria se realizado. A eles o meu afeto seguido dos meus agradecimentos sinceros e profundos.

Minha querida tia Alena Margareth Darwich Mendes, sempre presente nos momentos mais difíceis da minha vida, agradeço a sua presença que me transmite segurança e alegria.

Ao aluno Daniel Athias do curso de Direito do CESUPA agradeço a imensa gentileza da tradução do resumo para o inglês.

Aos manos velhos Caco e Zeca, o colo irmão e o chope gelado, o meu amor e os meus agradecimentos

Às minhas queridas Renata Feital de Oliveira – sem ela a realização deste trabalho não teria sequer deixado de ser somente um projeto – e Daniella Maria dos Santos Dias, a elas não apenas dedico esta pesquisa, como agradeço de maneira muito especial o apoio tão carregado de afeto. Com elas partilho as dificuldades e também as conquistas da atividade intelectual e muito tenho aprendido sobre o sentido da verdadeira amizade.



George Valente Vassilatos, amigo e irmão, cuja presença e permanente apoio não permitiu que eu desistisse no meio do caminho.

Agradeço aos funcionários do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro - IUPERJ, em especial à Lia e à Valéria. A presença delas será sempre um bom motivo para recordar os tempos “iuperjianos”.

À CAPES, agradeço o financiamento de minha formação e a conclusão da tese.

Aos meus alunos que têm me ensinado a ser professora, renovando sempre o meu amor pela docência.

Por fim, agradeço aos meus pais Jôse e Toni as mãos seguras que me amparam e a escuta amorosa, sem os quais tudo perderia o sentido.



*É tamanha coisa o Rio de Janeiro da boca para dentro que nos obriga a gastar o tempo em o declarar neste lugar, para que se veja como se é capaz de fazer mais conta dele do que se faz.*

Gabriel Soares de Souza, 1587.



# Sumário

<i>Prefácio</i> .....	15
<i>Introdução</i> .....	19
1. Memória e representação coletiva: a invenção social da malandragem.....	27
1.1 Memória, História, Estórias e Biografias .....	29
1.2 Percepção, interação social e memória coletiva .....	34
2. Samba e malandragem .....	39
2.1 Um “trickster travestido de malandro” .....	48
2.2 Ancestrais da malandragem: métis, exus e pelintras.....	52
3. Raízes da malandragem.....	67
3.1 O legado ibérico e o tradicionalismo da cultura brasileira.....	75
3.2 Malandro: inimigo do batente .....	82
3.3 Trabalho e aventura: o malandro do mangue entre Calvino e Confúcio .....	86
3.4 Aqueles rapazes folgados e boêmios .....	96
4. Na superfície da cidade: entre a ordem e a desordem e os dilemas de uma modernização malandra.....	109
4.1 “Tutto nel mondo é burla” .....	119
4.2 E o malandro civiliza-se.....	136
4.3 No samba eu sou doutor .....	142
<i>Considerações finais</i> .....	147
<i>Referências</i> .....	153



# Prefácio

*Malandro de fato é um cara maneiro...*

“Malandro é malandro e mané é mané” - Bezerra da Silva

Ao caminhar pela Lapa do século XXI, ainda procuro pelos resquícios de uma cultura quase romântica ou mesmo artesanal dos malandros de antigamente, de terno branco e chapéu de palha, com rosas vermelhas e charme para encantar as cabrochas ávidas para serem conquistadas. Eles não estão mais lá, ou melhor, foram substituídos por rapazes bem vestidos com suas camisas de dizeres minimalistas, engajados nas indústrias das minorias, que trocaram as navalhas pelos smartphones. Parados nas esquinas ou sentados nos bares, vejo, primeiro, a luz vibrante dos celulares, emitindo sons e imagens que se misturam às performances pirotécnicas dos bares e casas de show do entorno.

Espaço festejado do típico carioca, a região da Lapa, no coração da cidade do Rio de Janeiro, é produto do malandro, da cultura da vadiagem, dos estereótipos dos marginais e vagabundos, que experimentavam aquele espaço da cidade e flanavam sem destino, contribuindo para o imaginário coletivo do bairro como um território violento e de disputas. Mais tarde, já no século XX, ressignificado pelas narrativas da mídia hegemônica e de corporações financeiras, que viram na Lapa um espaço de experiência e de memória, capaz de gerar lucro na indústria do entretenimento, foi possível acompanhar as “novas tribos” que se apropriaram do território e construíram outras paisagens a partir de suas identidades plurais.

E nessa Lapa fragmentada, geradora de subculturas em seus espaços livres ou ocupados por bares, *pubs*, casas de show, que a memória do samba de resistência e dos caminhos percorridos pelo personagem emblemático de Madame Satã encontram seu lugar sendo transformado nos espaços construídos pelas novas gerações. Parte dessa memória pode ser revista aqui